

Apresentação

Micaela Coelho
Eliane Silveira
Estanislao Sofía

O lugar que a teorização de Ferdinand de Saussure ocupa no meio científico tem se reafirmado, dia após dia e ano após ano, contrariando as previsões daqueles que, há tempos, a colocam como matéria acabada. Desde a primeira publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, diferentes correntes linguísticas surgiram e se reinventaram e, mesmo assim, é difícil assinalar, hoje, alguma que deixe de estabelecer conexão direta ou indireta com as perspectivas saussurianas de língua – seja para a elas se filiar ou para delas se afastar.

Tal como a herança manuscrita com a qual o linguista suíço nos presenteou, suas ideias se apresentam, para nós, como uma mina de tesouros em processo de exploração, cujos caminhos – tão arduamente abertos – levam a territórios ainda mais preciosos. Com isso, é possível partir dos ensinamentos do próprio genebrino para propor discussões que coloquem em pauta uma questão que o próprio Saussure ascendeu e que ainda hoje gera debates fecundos: o que é e o que faz um(a) linguista?

Esse questionamento tem ultrapassado diversas fronteiras e rompido outras, dadas a necessidade e a relevância de sua compreensão. Partindo dessa questão, pode-se pensar, por exemplo, que a constituição e o fazer do linguista dependem necessariamente do objeto que ele analisa e da tarefa que executa. Nesse sentido, é possível propor uma discussão que coloque em pauta as possibilidades de aproximação e de diferenciação entre as noções saussurianas de matéria, tarefa e objeto da Linguística. É o que faz Allana Marques, no artigo *Da matéria ao objeto: a tarefa do linguista na visão saussuriana*, que abre este número 62 da *Fragmentum*.

Além de permitir reflexões sobre as extensões de noções abordadas no seio da própria reflexão de Saussure, o questionamento que orienta este número ultrapassa as fronteiras territoriais, se mantendo relevante e atual em diferentes países. Nesse cenário, a diferença idiomática não se coloca como um empecilho para a difusão e para recepção das ideias. Ao contrário, essa diferença abre caminhos para desbravar as problemáticas e os desdobramentos semântico-conceituais que circundam a tradução e as retraduições de uma teori(z)a(ção) em diferentes línguas. É por esse viés que Alena Ciulla e Valdir Flores abordam as ideias de Saussure, ao analisarem os *Aspectos linguísticos da tradução e da retradução do CLG no Brasil*.

Uma vez ultrapassadas as grandes fronteiras entre nações, observamos que a busca por compreender o que é um linguista e o que ele faz se mostra capaz de romper com as margens que se colocam até mesmo dentro de um único país. Mary da Luz e Tamiris Gonçalves evidenciam essa potência da teorização

saussuriana, ao mostrarem a sua presença no contexto de formação de professores em uma região do estado de Santa Catarina, em seu texto *A linguística saussuriana em discursos sobre formação inicial de professores: projeções em ementários de cursos de letras do oeste de Santa Catarina*. Nesse cenário, também é rompida a fronteira muitas vezes imposta entre diferentes correntes linguísticas, uma vez que as autoras demonstram a relevância de se pensar a língua e o fazer do profissional de Letras a partir de intersecções.

Por fim, a questão que circunda a constituição e o fazer do linguista também rompe a fronteira entre o passado e o presente, visto que se mantém, produtiva e incessantemente, na ordem do dia. É isso que objetivamos demonstrar, com as resenhas de trabalhos recém publicados sobre a teorização saussuriana. Para tanto, Anne-Gaëlle Toutain apresenta o livro *Le sentiment linguistique chez Saussure*, organizado por Gilles Siouffi e publicado em 2021.

Bruno Turra, por sua vez, se dedica a apresentar a tese de doutorado *As posições do sujeito falante na teorização de Ferdinand de Saussure*, defendida por Karen Silva em 2023. Em contrapartida, é o próprio Bruno Turra que tem dois de seus trabalhos apresentados: o primeiro deles é o seu livro *Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita. Ou do que se circunscreve de um enigma*, apresentado por Maria Fausta Pereira de Castro; o segundo é a sua tradução da obra *Saussure* de John Joseph, apresentado por Estanislao Sofía.

Por último, temos a tradução, em português, da conferência de abertura de Sylvain Auroux, que deveria ter sido ministrada no *XI Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, em Buenos Aires (Argentina), nos dias 19, 20 e 21 de abril de 2017. Como ele não pôde comparecer e gentilmente enviou o texto à comissão organizadora, o adicionamos a este número, para que seja compartilhado com nossos interlocutores.